



Mitzvá

Ana Cecília Carvalho*

Não existe maior insuficiência do que a de um homem confrontado com o seu próprio vazio. É aí que se instalam os deveres.

Armand Lancelstrong

Bernardo teve um pressentimento quando deixou o prédio da faculdade. Olhou para rua deserta e escura e hesitou um momento, pensando se deveria ou não voltar para dentro e chamar um táxi. Chovia sem parar. Do lugar onde estava, levaria cerca de meia hora se fosse caminhando até o hospital onde seu pai estava internado. Tinha ficado até mais tarde no laboratório, conferindo alguns dados, depois que visitara seu pai no final da tarde. Seu professor havia confiado a ele a maior parte da pesquisa, muito mais do que seriam as atribuições normais de um estagiário. Bernardo se sentia reconhecido por isso, mas ao mesmo tempo sentia uma grande ansiedade, um medo inconfessado de decepcionar o professor, caso cometesse algum erro. “Os erros, sempre os erros.” Pensou, decidindo-se a seguir sob o guarda-chuva, pela rua deserta. Na esquina, um homem avançou para ele. Bernardo recuou, instintivamente. O homem estendeu um chapéu vazio para ele, dizendo:

— “Uma ajuda, irmão. Tenho fome.”

Sem pensar duas vezes, Bernardo colocou o pouco dinheiro que tinha dentro do chapéu e, inquieto, afastou-se apressadamente.

Bernardo olhou para o pai, enquanto o Dr. André, o ortopedista que o tinha operado, amputando parte da perna, o examinava na cama do hospital. A doença estava acabando com ele, pensou. Quanto tempo ainda teria? A expressão resignada e até mesmo calma que Bernardo via no rosto do pai o surpreendia. Agora, a tatuagem azulada do número sobre o seu pulso se confundia com as veias finas e saltadas. O pai percebeu que Bernardo o olhava. E sorriu, como se o reassegurasse de que tudo estava bem. O médico terminou o exame, conferiu o gotejamento da medicação intravenosa e disse:

— “Vamos aguardar mais um pouco.”

— “Aguardar o quê? Não basta o que ele já sofreu em Auschwitz? Esperar que a dor se torne insuportável, que a alma sangre de tanto sofrer?”, Bernardo disse



para si mesmo, um pouco surpreso de pensar na palavra “alma”, uma vez que ele não acreditava nessas ideias.

O médico saiu, deixando Bernardo a sós com seu pai.

— “Estou morrendo”, disse o homem.

Bernardo não sabia o que dizer. O pai então falou:

— “Prometa que você vai para a *Yeshivá*.”

Bernardo tentou controlar a irritação que essas palavras o fizeram sentir. Não era o momento de retrucar. Há anos o pai o assediava com esse pedido. Para desgosto do pai, Bernardo havia decidido pela faculdade de bioquímica. A ideia de se tornar um rabino lhe era inadmissível. Se Bernardo repetia as orações e seguia todos os preceitos, ele o fazia como se fosse um robô, sem nenhuma convicção, apenas para não contrariar o pai. Desde a adolescência, quando tomou consciência do horror da *Shoah*, o pouco de convicção religiosa que um dia teve, desapareceu. Junto a ela, foi embora também a esperança de que os homens fossem melhores do que são. O conflito entre os Mesmos e os Outros confirmou ainda mais essa certeza. Internamente, Bernardo contava os dias para se ver livre, mal podendo esperar para se formar na faculdade no final daquele semestre, e tornar-se independente. Então aconteceu que seu pai foi diagnosticado com uma doença terminal.

Bernardo ajeitou o travesseiro debaixo da cabeça do pai, evitando olhar para ele. Mas não conseguiu desviar o braço a tempo, antes que seu pai o agarrasse e dissesse: “Prometa!”

Pressionado e atormentado, Bernardo prometeu que sim, que iria para a *Yeshivá*. No rosto do pai, ele viu o esboço de um sorriso, que logo se desvaneceu.

O pai morreu naquela noite. Bernardo tentou conviver com a promessa, ora esquecendo-se dela, ora atormentando-se com a obrigação de cumpri-la. Mas isso não calava a voz de seu pai, sempre soando internamente: “Prometa!”

Eis como esta história vai terminar.

Primeiro final:

Nos anos seguintes, Bernardo faz o que tem de fazer para cumprir a promessa. Depois da *Yeshivá*, já como rabino, cria uma família e trabalha por trinta anos como líder religioso em uma pequena comunidade. Mas não é feliz. Frio e indiferente, Bernardo enfrenta todo tipo de situação, desde desavenças familiares até os efeitos do desastre instalado a partir do conflito entre os Mesmos e os Outros. Sabe de cor as respostas que todos querem ouvir, e as



repete automaticamente, como um burocrata, do mesmo modo como fala, em tom monocórdio, as preces nas cerimônias festivas ou nos funerais. A infelicidade e a desvitalização são o preço que paga por ter cumprido, contra a sua vontade, a promessa ao pai.

Segundo final:

Bernardo decide não cumprir a promessa que fez ao pai. Os anos se passam. Em parte, sente-se realizado, mas não completamente. É comum que ele se pegue angustiado, como se estivesse pagando por um crime que não cometeu. Uma noite, já bem tarde, ele se perde ao sair de uma visita. Como sempre, chove. Dirige meio sem rumo por algumas quadras, até que de repente se vê em frente ao que restara do prédio da faculdade onde havia estudado. A construção, antes imponente, reduz-se agora a um amontoado de tijolos, tudo bombardeado durante um dos rompantes do estúpido conflito entre os Mesmos e os Outros. Bernardo para junto ao passeio. Sem entender o que o compele a descer do carro, caminha na direção do que um dia fora a portaria. Não dá dois passos quando um homem surge à sua frente com um chapéu estendido, dizendo:

— “Uma ajuda, irmão. Tenho fome.”

Assustado, Bernardo recua instintivamente. Então reconhece no rosto do mendigo o mesmo homem que, muitos anos atrás, o havia abordado no mesmo lugar.

— “Não tenho dinheiro”, desculpa-se Bernardo.

— “Mas pode se livrar dos seus erros”, diz o mendigo, apontando para o solidéu que Bernardo traz sobre a cabeça.

Sozinho diante do prédio em ruínas, Bernardo entende então que não ter sido um rabino foi apenas um sonho.

Terceiro final:

É sexta-feira. Bernardo tem 70 anos, a mesma idade que seu pai tinha quando morreu. Caminha para a sinagoga, para celebrar o *shabat*. Sente-se cansado. Pela primeira vez na vida, Bernardo pensa em se aposentar. “Um rabino não se aposenta.” Diz-lhe a voz da consciência. Ele retruca: “Já cumpri a minha promessa. Posso fazer o que quiser.” A voz da consciência soa mais dura, agora: “Não. A promessa é para sempre. Bem ou mal, deve cumpri-la até o fim dos seus dias. Até mesmo uma menina de três anos entende isso, quando recebe de sua mãe uma tarefa. Esta fica sendo a sua missão, o seu dever, a 614ª *mitzvá*.”

A chuva começa a cair mais forte. Bernardo se apressa. Logo surge o velho prédio da sinagoga, sobressaindo-se no meio da vizinhança quase arruinada, depois do último ataque dos Mesmos e dos Outros que lutam entre si pela



posse do território. Bernardo se assusta quando um mendigo aproxima-se dele e lhe estende a mão, pedindo uma esmola. Não é o mesmo mendigo que, décadas atrás, o abordou em frente à faculdade de bioquímica, na noite em que seu pai morreu. Mas por alguma razão, Bernardo lembra-se dele. E pensa que essa lembrança é um aviso. O mendigo continua parado, com a mão estendida. Bernardo entrega o que tem dentro do bolso. O mendigo recolhe a esmola, mas estende novamente a mão.

— “Já lhe dei tudo o que eu tinha”, diz Bernardo.

— “Você ainda não me deu a sua vontade”, fala o mendigo.

— “Não posso lhe dar a minha vontade. Se eu fizer isso, deixo de existir.”

O mendigo se afasta. Bernardo dá de ombros e entra na sinagoga. Uma vez lá dentro, respira fundo, certo de que tinha se livrado de um *dibuk*. Demora algum tempo para perceber que ninguém viria para o *shabat*. Ele nunca fora, realmente, um rabino.

* **Ana Cecília Carvalho** é escritora, psicanalista e professora aposentada da Universidade Federal de Minas Gerais. Autora de, dentre outros, *A poética do suicídio em Sylvia Plath* (Editora da UFMG), *O livro neurótico de receitas* (Editora Ophicina de Arte & Prosa) e *Uma mulher, outra mulher* (Editora Lê).